

Autora  
com mais  
de 17 milhões  
de livros vendidos

ZIBIA  
GASPARETTO

# Laços Eternos

ROMANCE  
ditado por  
Lucius

O amor é a força motriz que  
se funde no Todo, criando laços  
indestrutíveis pela eternidade

nascente

# Prólogo



**É** noite. Tudo decorre num plácido silêncio. Na aurora cálida do amanhecer, só o pipilar das aves notívagas parece dar um sopro de vida à paisagem sombria da Terra.

Numa janela, às escuras, um vulto imóvel observa o desvanecer silencioso da noite e o despertar da alvorada que se inicia.

O seu rosto está pálido sob a luz diáfana da madrugada; o seu corpo franzino procura descortinar o rumo, descobrir os primeiros raios de luz que desenharão a verdadeira estrada.

Soluços angustiados quebram a quietude fresca da aurora. O corpo franzino, apoiado no peitoril, sacode-se ritmicamente, embalado pela dor em clavas de angústia.

Lenço na boca, a tosse fere, sufocante. A pureza do branco tingi-se de vermelho e o sangue quente, em golfadas incontrolláveis, mancha a camisa de noite pura.

O magro corpo jovem, num esforço hercúleo, tenta erguer-se e fitar o céu, num derradeiro esforço. Os seus olhos encoados, abertos, procuram ainda compreender o porquê de tanta dor aos 14 anos.

Lentamente, como uma flor que se abate diante da tempestade, a figura pálida desfaleceu, e o seu corpo, deslizando rente à janela, caiu para o chão. No entanto, a sua cabeça,

recostada no espaldar, manteve-se voltada para o dia que nascia. Os olhos continuaram abertos, ainda que enevoados. Pareciam indagar sobre os mistérios profundos que separam a vida da morte.

Após alguns minutos, uma emanção radiante desprende-se do corpo hirto, adensando-se, corporizando-se numa réplica perfeita da jovem estendida, como se, por um autêntico milagre, de inaudita potência, ela se tivesse replicado.

Surpreendida, a forma radiante e translúcida olhou para o corpo que acabava de deixar. O seu semblante denotava piedade e amor.

Sentia-se leve e saudável. Porém, quando olhava para o corpo inerte, um vivo sentimento de piedade invadia-a; parecia-lhe regressar momentaneamente ao jugo de pesadas cadeias de uma prisão aniquilante. Num desejo instintivo de libertação, procurou afastar-se dele.

Foi então que viu uma figura radiosa e querida caminhar na sua direção, de braços estendidos e rosto banhado por uma suave bondade.

Onde teria visto aquele rosto? Que santa seria? Respeitosamente, ajoelhou-se diante da forma resplandecente. Sobre o seu espírito, ainda atemorizado e inseguro, derramou-se uma brisa suave e perfumada, beijando-lhe o rosto, como o orvalho da manhã, enquanto uma voz dulcíssima lhe chegava ao espírito:

— Nina, estás livre! Na rudeza das provas, tal e qual um pássaro ferido e aprisionado, aguardaste a libertação. Hoje viemos buscar-te. Irás connosco para mundos felizes, onde poderás usufruir da paz e da calma com que sempre sonhaste. Poderás trabalhar em tarefas nobres e desfrutarás de boa disposição, de bem-estar.

Nina levantou o olhar para o alto e lágrimas incontrolláveis correram-lhe pelos olhos, em transbordante emoção.

— Senhora! Bendita sejas, enviada do Altíssimo. Vieste buscar-me. O meu coração estremece de ventura diante das suaves emoções desta hora sublime que não mereço. Sentir-me-ia feliz seguindo em frente, rumo aos mundos encantados onde resides, a desfrutar da paz e da serenidade. No entanto, neste lar em que com tanto amor fui acolhida, a minha mãe na carne enfrenta com dificuldade a prova da miséria e da renúncia. O meu pai, antes um nobre, hoje luta contra o orgulho e a prepotência, trabalhando duramente por um salário insignificante, cavando a terra seca para mal conseguir um pouco de pão. Quatro anjos do Senhor, os meus irmãozinhos na Terra, despertam para a vida em condições difíceis, atingidos pela malária e pela desnutrição. Se eu me for, com certeza eles irão logo após, pois a fraqueza e a tuberculose ceifarão as suas vidas, ainda em fase delicada nesta encarnação. Por isso, se possível, rogo-te, senhora: que todo o bem que, por acréscimo, a misericórdia divina me concedeu seja revertido a favor dos seres que amo e a quem devo devoção e carinho. Perdoa-me tamanha ousadia, mas podes ler a sinceridade no meu coração e sentir a dor que me causa partir agora rumo à felicidade enquanto eles sofrem!

Curvada, em atitude submissa, Nina esperou.

A entidade iluminada aproximou-se e, levantando-lhe a testa com suavidade, alisou-lhe a cabeça com imensa ternura.

— Nina, o que desejas?

Nina levantou o olhar, que refletia respeito e amor.

— Senhora, permite-me ficar. Embora doente, cuido do lar para que a minha mãe possa ganhar algum dinheiro. Se eu

me for embora, ela terá de deixar de trabalhar e menos pão entrará nesta casa.

A bela mulher, comovida, sorriu e respondeu:

— Sabes o que me pedes? Se Deus te permitir o regresso, certamente sofrerás muito. O corpo que usaste na carne está abatido. Quantas vezes mentiste, dizendo-te alimentada, para que a tua pequena ração beneficiasse os demais? Quantas vezes atravessaste as 24 horas do dia sem provar alimentos, numa renúncia verdadeiramente admirável? Sofreste muito. Eu ofereço-te a paz, a fartura, a tranquilidade, e tu pedes-me a dor, a doença, a miséria e a morte?

Nina soluçava:

— Peça a Deus que me deixe ficar. É só o que peço.

A entidade fixou nela um olhar de imensa bondade, onde se refletia um brilho de energia.

— Não posso atender a esse pedido. Tens de vir comigo. Um dia compreenderás porquê. Só posso dizer-te que a tua estada na Terra terminou. A tua presença doente e sofredora não iria contribuir para aliviar os problemas deste lar. Todavia, não temas. Ninguém permanece abandonado na Terra. Os problemas dos teus pais, só eles poderão resolver, lutando, sofrendo, aprendendo. E Irmãos devotados zelam pelos teus irmãozinhos.

» Deus permite a prova para que o espírito cresça. Os sofrimentos sublimam o espírito e reconduzem-no a Deus.

Abraçando-a com carinho, continuou:

— Depois, quando estiveres em condições, se quiseres, poderás vir ter com eles, trabalhar pela sua redenção. Agora vamos!

A jovem, cujos soluços tinham cessado, levantou-se e, abraçada pela sua protetora, prontificou-se a segui-la.

Sentindo-se liberta de um grande peso, pareceu-lhe que o seu peito se dilatava numa alegria nunca sentida, enquanto uma enorme sensação de bem-estar lhe invadia o ser.

Entregou-se suavemente e saíram da choupana.

Enquanto os primeiros raios solares abençoavam o dia que nascia, transmitindo uma mensagem de vida, dois vultos enlaçados desapareciam rumo ao infinito; ficou apenas um corpo pálido e magro, um rosto belo e sereno, uma camisa de noite manchada de sangue, abandonados para sempre, como uma veste inútil e rota que o tempo se encarregaria de transformar e destruir na constante mutação da natureza.



## A FAMÍLIA SOFREDORA

**N**a fazenda do Lajeado, em Minas Gerais, o dia começava cedo. Havia muito serviço para fazer e os colonos tinham de madrugar para estar no terreiro quando o velho sino tocasse na varanda, convocando-os para o trabalho.

O coronel Gervásio Fortes não era homem para brincadeiras. Exigia dos colonos o rigoroso cumprimento das suas tarefas e era o terror dos homens quando, montado no seu cavalo baio, aparecia na lavoura ou no pasto.

Não tolerava atrasos. Levantava-se muito cedo e, quando o capataz tocasse o sino, os homens já tinham de estar no terreiro para que o serviço fosse distribuído.

José Mota trabalhava na fazenda desde a adolescência. Filho de colonos, e não se conformando com a miséria da casa paterna, aos 12 anos resolveu tentar a sua sorte. Foi para o Lajeado mas nunca mais conseguiu sair. Sempre ganhara muito pouco e, além disso, não pudera aprender a ler, o que o tornava muito desconfiado.

Apesar de nunca ter podido melhorar de vida, não se habituara às condições humildes do seu trabalho. Odiava o coronel Gervásio. Invejava-o, mas temia-o.

Para ele, era Deus no céu, e o coronel, como o diabo, na Terra.

Revoltava-se com frequência contra a sua situação, mas por mais que se esforçasse não conseguia sair dela. Conheceu Maria na própria fazenda. Começaram a namorar jovens. Ela, ao princípio, sonhava em ir morar para a vila. Aos 15 anos, por pouco não fugiu com um comerciante, rumo a outras cidades. Mas a ambição de José tentava-a. O inconformismo dele casava bem com a sua ambição. Juntos, iriam para a cidade e seriam felizes. Ganhariam dinheiro. Usariam roupas boas e muitos enfeites, como a senhora dona Eugénia, a esposa do coronel, jovem letrada, de rosto maquilhado, que guiava um automóvel e fumava como um homem.

Casaram. Ela com 16 anos, ele com 18. A palhota de madeira e barro foi levantada um pouco antes, com o consentimento do coronel e a ajuda de alguns companheiros — aos domingos, depois do trabalho. A cama foi presente da dona Eugénia. Estava velha e partida, mas José consertou-a.

O seu coração encheu-se de ódio diante da cama com o pé partido.

Não era homem que se conformasse com as migalhas dos outros.

Disfarçando os seus sentimentos, procurou arranjar as coisas da melhor maneira. O colchão foi feito por Maria, que, durante dois meses, secou e selecionou palha de milho para esse fim. O forro era desbotado e remendado.

A festa consistiu apenas em café com bolo de milho, que os pais de Maria ofereceram aos amigos, e em duas garrafas de pinga que José recebera do patrão.

Começou para eles uma vida dura. Mas ambos trabalhavam na roça, e assim, à custa de algumas privações e de muita luta, conseguiram comprar alguns utensílios, alguma roupa.



O tempo foi passando. Os filhos começaram a chegar. A primeira nasceu forte e bonita. Deram-lhe o nome de Nina. O seu nascimento provocou alguns problemas na saúde de Maria, prejudicada pela absoluta falta de cuidados médicos. Por esse motivo, só ao fim de seis anos é que pôde ter outros filhos. A partir daí, já não pararam, vieram um a seguir ao outro. A cada filho, José dizia à mulher:

— Maria, por causa dele não podemos ir para a cidade, por enquanto. O dinheiro não chega. Mas, quando ele estiver crescidinho, vamos.

Mas não podiam ir. Se não tinham ido quando eram só os dois, como poderiam fazê-lo agora, com tantos filhos?

Apesar disso, José era um pai extremoso. A sua revolta aumentava a cada filho, por não poder dar-lhes o que gostaria, o que sempre quisera ter e lhe fora negado.

Aos poucos, começou a nascer-lhe no peito um ódio intenso à pessoa do coronel Gervásio. Cada vez que ele dava uma ordem incisiva, enérgica, que não admitia resposta, José vibrava de rancor.

Invejava a casa solarenga da fazenda, com as suas cortinas vermelhas e as suas cadeiras estofadas. Os arreios luzidios do filho do patrão, as suas botas brilhantes de couro e o seu riso ruidoso de criança bem tratada e feliz.

Obedecia de olhos baixos, para que o coronel não visse neles o brilho da revolta. Era assim o seu dia de trabalho.

À tardinha, de volta à casa pobre, irritava-se com os calos das mãos grossas, que ardiavam tanto quanto o seu pensamento.

Calado, desanimado, sentava-se à mesa tosca para a refeição que lhe parecia sem gosto. Feijão, mandioca, milho ou farinha. Às vezes arroz, com alguma hortaliça colhida no quintal.

Imaginava sentar-se à mesa limpa e bem-posta da dona Eugénia, com copos limpos, comida cheirosa e variada.

Maria, com as suas lamentações, causava-lhe ainda mais revolta. A ela, que imaginara uma vida melhor na cidade, a trágica realidade tornara infeliz.

O marido, a cada dia, tornava-se mais taciturno. Por mais que se esforçasse para multiplicar os seus recursos, a fim de prover bem aos seus, os seus intensos esforços nunca eram reconhecidos.

Ao princípio, procurava ser otimista, estimular o marido. Aos poucos, as dificuldades foram matando as suas ilusões e enchendo o seu coração de infinita amargura.

Depois de alguns anos de casamento, já nem se assemelhava à bonita jovem que sempre fora.

Nina cresceu neste ambiente. Entre as queixas da mãe e a revolta do pai. No entanto, no seu rostinho magro e moreno havia sempre um sorriso. Os seus olhos brilhantes e negros pareciam duas estrelas a irradiar alegria e amor.

Desde a mais tenra idade, demonstrara grande compreensão e ternura para com tudo e todos. Procurava, com o seu corpinho franzino, ajudar a mãe no que podia. Levantava-se cedo, e, aos 7 anos, já se encarregava de acender o fogo, ir buscar água e tratar das poucas aves que possuíam. Nunca se queixava. Se lhe davam um trapo velho, sorria feliz com gratidão.

Aturava as queixas da mãe e procurava sempre dar-lhe palavras de compreensão e otimismo. Quando o pai chegava do trabalho, com a carranca habitual estampada na face e palavras ríspidas nos lábios, ela abraçava-o com os bracinhos magros e beijava-lhe a face queimada de sol e de luta. Embora ele não fosse pródigo em afagos, ia aos poucos serenando e as noites podiam ser um pouco menos amargas.

Mas eles não davam por isso. Havia tanta suavidade e bondade em Nina que eles, embrutecidos pelas paixões, não podiam compreender.

À medida que nasciam os seus irmãozinhos, dedicava-se a eles com desvelos maternos. Nina tinha 12 anos, mas já substituía a mãe, que ia cedo para a roça, cuidando dos irmãos e cozinhando. Quando a mãe regressava, ia lavar a roupa no riacho. O seu corpinho enfraquecido, curvado sob o peso da trouxa molhada ou da cesta, não descansava. Voltava para casa com o vestidinho encharcado e as mãos escarpeladas pelo sabão, que era feito em casa e de má qualidade.



As coisas para o coronel não estavam muito bem: a baixa do gado, a doença que dizimava os animais. Apertou ainda mais os colonos, fazendo com que pagassem mais pelos géneros que consumiam, a tal ponto que estavam sempre a dever-lhe.

Eram escravos que trabalhavam subalimentados e revoltados.

Um dia, Nina, quando procurava lenha perto da casa, ouviu vozes. A mãe ria alto, demonstrando alegria. Como isso era raro, Nina sorriu também e aproximou-se, mas deteve-se um pouco assustada.

Uma voz estranha dizia com suavidade:

— Ouve o que te digo. Nunca te esqueci, Maria! Isto não é vida! Viver com esse homem que não reconhece o teu valor! Vamos embora. Juntos seremos felizes! Olha, eu tenho uma casa na cidade.

Fez uma pausa, e, notando o olhar brilhante de Maria, continuou, envolvente:

— Não é muito rica, mas é de tijolo. Tem o soalho de tábua e uma varanda na entrada. Tem um poço com bomba, não é preciso ir até ao rio buscar água. E depois, estou lá eu, que há muito penso em ti, que não posso viver sem ti. Desde aquele tempo.

— Não posso, Manuel. Se fosse só o Zé... Mas não deixo os meus filhos. Não posso.

Manuel não se deu por achado:

— Olha, Maria! Vê isto!

Tirou da mala pousada no chão um vestido estampado, com cores alegres, e um par de brincos de pérolas, que cintilaram ao reflexo do sol.

Maria não se conteve. Tocou no tecido macio com as suas mãos grossas e ficou envergonhada, porque estavam um pouco encardidas do trabalho na terra.

— É teu, Maria. Podes ficar com ele.

Ela sorriu encantada:

— Meu?!

Agarrou no vestido com entusiasmo e colocou-o diante do corpo magro.

— É só encurtar um pouco e vai me ficar bem.

Num arroubo amoroso, Manuel tentou abraçá-la.

Ela resistiu:

— Não. Não faças isso.

A voz dele era suplicante:

— Maria! Nasceste para usar seda e não chita. Ainda és linda e comigo serás feliz! Toda a tua beleza vai regressar com o tratamento que vais ter.

Nina assistia, pálida, e o seu coraçãozinho amoroso batia descompassado. Não podendo suportar mais a cena, fingiu que chegava a correr e aproximou-se:

— Mamã! Estás aqui. Que bom estares aqui!

Maria, assustada, devolveu ao comerciante o vestido e, embaraçada, respondeu:

— Já ia para casa, Nina. — E, voltando-se para o Manuel, com um tom indiferente: — Vá, Manuel. Não quero comprar nada. Não tenho dinheiro.

Ele, sorridente, tentou colocar-lhe o vestido nas mãos:

— Não faz mal. O seu marido é um homem de bem. Paga depois.

Ela ficou séria.

— Não, Manuel. Não posso mesmo. Se pudesse, comprava roupas para os meus filhos. Para mim, não. Não preciso. Vamos, Nina. Passe bem, senhor Manuel!

Abraçada à filha, Maria afastou-se, entre o sorriso insinuante de Manuel e o receio disfarçado que magoava o coração de Nina.

Nos dias seguintes, Maria foi mudando pouco a pouco. Descuidava as suas obrigações. Fazia ao marido queixas mais violentas.

Acusava-o de miserável, exigia um novo padrão de vida. Irritado, José quase agredia a mulher revoltada.

E Nina sentia crescer dentro de si o receio. Surpreendia a mãe numa atitude sonhadora, alheia a tudo que a cercava. Viu-a atirar ao chão, numa crise histérica, os vestidos humildes que possuía.

Correra para ela, abraçando-a com carinho, dizendo-lhe com voz emocionada:

— Mãe, és a mais linda, a melhor e a mais bondosa mãe do mundo! Tenho sorte de ser tua filha!

Maria olhou surpreendida para o rostinho moreno da filha. Tanta adoração leu no seu olhar que se enterneceu:

— Filha querida! — respondeu, abraçando-a, tomada de súbita ternura. — És tão boa! Tenho pena de te ver nesta luta e nesta miséria! Que vida, meu Deus! Que vida!

Nina beijou-lhe as faces, contente.

— Mas eu sou feliz. Muito feliz! Nada mais quero senão viver aqui, como estamos. Eu, a mãe, o pai e os irmãozinhos. Nada mais quero. Os vestidos novos ficam velhos e feios com o tempo. As comidas boas depressa se transformam e acabam. O que vale, mãe, é a nossa vida, o nosso amor, a nossa casa.

Maria compreendeu. Beijou o rostinho magro da menina e tentou modificar-se dali para a frente.

Assim era Nina. Tão pura, tão amorosa, tão simples, que tinha o dom de transformar o clima instável e difícil onde vivia.

Mas a vida era dura. No esforço empenhado, no afã de aliviar os seus, Nina foi aos poucos enfraquecendo. Alimentava-se mal. Depauperava-se.

Os pais preocupavam-se com a sua aparência, mas não dispunham de recursos para a tratar.

Eugénia advertia Maria da fraqueza de Nina. Acautelava-se, impedindo que o seu filho se aproximasse da menina, receosa de algum contágio. Mas, nem por isso se preocupou em ministrar-lhe um tratamento adequado.

Desta forma, o seu estado foi-se agravando, até que ficou presa à cama pela fraqueza extrema, pela febrezinha incomodativa, pelos acessos de tosse e de suor.

Roque era o irmão mais velho de Nina. Tinha apenas 7 anos, mas, orientado por ela, cuidava dos três mais novos, quando os pais saíam para o trabalho.

Entardecia. Nina mandou Roque abrir a janela do seu pequeno quarto, construído à pressa para a separar dos outros.

Eugénia ajudara na sua construção. Nina sentia que o ar lhe faltava. Roque abriu a janela e ela pôde ver uma nesga do céu, que já se alaranjava na despedida do sol. Sentiu-se elevada na sua contemplação.

Apesar da calma da noite que se avizinhava, sentia o coração oprimido por um sentimento de tristeza e dor. Não temia a morte. Intimamente esperava-a como uma libertação. Parecia-lhe mesmo que já tinha morrido muitas vezes, em corpos diferentes.

Mas e os seus? Quem olharia por eles na Terra? Quem poderia ajudá-los nos momentos difíceis?

Adormeceu. Sonhou com um campo florido, perfumado, uma liberdade de movimentos, uma leveza indescritível. Pássaros cantavam alegremente e o céu refletia um azul puríssimo de imensa claridade. Crianças alegres brincavam pelas suas alamedas e Nina sentia-se forte, sem dor e sem sofrimento. Mas eis que, de súbito, olhando o céu com enlevo, viu desenhar-se nele uma cruz luminosa, enquanto uma voz muito doce de mulher lhe sussurrava aos ouvidos:

— Nina, a tua tarefa está cumprida. Hoje mesmo te libertarás. Que Deus te abençoe!

A menina sentiu um choque. Pensou nos seus entes queridos e sentiu despertar dentro de si uma mágoa que se foi transformando em desespero e dor.

Sentiu-se novamente doente e gritou com todas as forças:

— Não! Não me levem ainda! Não! Quero ficar com eles!

Nesse mesmo instante, tudo desapareceu do seu olhar dorido e ela acordou aflita, com uma dor muito forte a comprimir-lhe o peito. Mal conseguia respirar. Sentiu que a crise

se aproximava. Levantou-se cambaleando, foi até à janela. A aragem fresca da madrugada bafejou-lhe a fronte ardente.

Apoiando-se no peitoral, olhou para as estrelas do céu numa súplica calada. Uma dor aguda no estômago e nas costas tirou-lhe a capacidade de respirar. Sentiu que o seu olhar se turvava enquanto a primeira golfada de sangue lhe empapava a camisa de noite.

Num segundo, o seu espírito recordou-se de todos os momentos que já vivera, numa retrospectiva minuciosa e eloquente.

Soltou um grito e o seu corpo caiu dobrado sobre si mesmo, no chão duro e frio do quarto.



## 2



### RECORDANDO O PASSADO NA COLÓNIA ESPIRITUAL

**N**uma agradável sala de estar, recostada numa poltrona, Nina repousava brandamente. O ambiente era calmo e acolhedor. Flores graciosas e coloridas enfeitavam o vaso sobre a consola, e a luz do entardecer espraiava-se através das frestas das janelas, em suaves matizes.

O seu rosto moreno e jovem era o mesmo, contudo encontrava-se agora mais amadurecido e nimbado de cores saudáveis.

Nesse momento, entrou na pequena sala uma jovem senhora, trazendo nas mãos algumas telas em que apareciam retratadas belíssimas paisagens. Aproximou-se e, com carinho, pousou a mão no ombro de Nina.

— Nina, está na hora, vim buscar-te.

Nina abriu os olhos, que refletiam grande vivacidade, e respondeu:

— Cora, querida! Já?

— Sim — respondeu a outra. — Podemos ir.

Nina preparou-se com rapidez e declarou-se pronta para sair. Havia quase um ano que chegara ao Campo da Paz. Apesar do bem-estar que sentia, não se tinha conformado em deixar a família terrena e desejava a todo custo regressar à Terra.

Solicitara uma nova reencarnação no seio da mesma família, mas até àquele momento fora aconselhada pelos mentores

da sua colônia espiritual a que procurasse trabalhar em benefício das almas sofredoras, enquanto eles estudavam o caso.

Nina vivia em casa de Cora, com quem se identificava espiritualmente e, embora não se recordasse dos detalhes, sentia-a ligada ao seu passado, como benfeitora e amiga querida.

Sob os seus cuidados, sentira renascer a sua saúde, que ficava sempre combalida quando apertavam as saudades dos seus entes queridos que tinham ficado na Terra.

Com paciência e carinho, Cora aplicava-lhe passes amorosos e, ao mesmo tempo, conversava com ela, reconfortando-a e procurando elevar-lhe a mente, com fé e amor.

Com esses cuidados, Nina foi melhorando, e as suas crises de saudades foram-se espaçando. Por esse motivo, Cora pôde levá-la consigo ao atendimento às irmãs doentes, recém-chegadas da Terra, e recolhidas no hospital, bem como ao entretenimento das crianças que frequentavam a Escola Evangélica, onde Cora colaborava como assistente e orientadora.

Saíram as duas. Era agradável caminhar pelas ruas onde árvores acolhedoras sombreavam as calçadas, e os chalés coloridos e alegres adoçavam o olhar. Nina, sempre tão sensível à beleza natural, ia preocupada e ansiosa.

Fora convocada para uma reunião em que, juntamente com o seu orientador, Cordélio, iria rever seu caso e possivelmente este ficaria resolvido.

Caminhando rapidamente, chegaram as duas à praça onde se situava o Departamento de Orientação e Auxílio de Reencarnação e de Escolha das Provas. Conduzida à presença de Cordélio, Nina sentiu-se comovida. A figura bondosa e energética do seu orientador inspirava-lhe respeito e simpatia.

O seu olhar perspicaz envolvia-a com franqueza e interesse. As suas palavras sempre sábias tinham o poder de a fazer sentir-se amparada e tranquila.

Ao vê-la, Cordélio levantou-se e abraçou-a com carinho.

— Bem-vinda, Nina. Já te esperava. Podes sentar-te.

Nina obedeceu e não disse nada. Sentiu que ele adivinhava a sua ansiedade.

— Minha filha, estudamos o teu caso. Queres voltar à Terra. Queres reencarnar. No entanto, Nina, parece-nos ainda muito cedo. Embora os teus motivos sejam justos e nobres, não nos parece útil o teu sacrifício.

Vendo a decepção desenhá-la no semblante delicado da jovem, continuou:

— Pelas obras e pelo mérito que tens, podes conseguir o que pretendes. Todavia, vieste recentemente da Terra. Por andares com o pensamento voltado para os entes que lá estão, ainda não conseguiste despertar para o teu passado e ver as tuas vidas anteriores. Julgamos injusto que, sem esse conhecimento, retornes às lides do mundo. Por tudo isto, convidamos-te hoje a recordar o passado. Vamos começar. Se te sentires cansada, prosseguiremos noutras sessões. Só depois estarás em condições de discernir e resolver sobre o caso em estudo.

Uma onda de alegria envolveu o coração de Nina. Conhecer o passado! Iria finalmente desvendar o fio das suas existências passadas, para conhecer a origem dos laços de amor e carinho, de responsabilidade e amizade, que a uniam aos seus entes queridos.

Deixou-se conduzir docilmente, procurando serenar o espírito para não perder um só detalhe do que lhe seria mostrado.

Entraram na pequena sala onde uma tela pendia de uma parede e algumas poltronas graciosas se alinhavam à sua frente. Atrás, um aparelho complicado e de difícil descrição começou a funcionar assim que os três se acomodaram e as luzes se apagaram.

Imediatamente, a tela à frente pareceu ganhar vida, iluminando-se, e as primeiras imagens, ganhando forma e cor, começaram a desenhar-se nela.

A sala era preciosamente adornada. As paredes cobertas de tapetes ricamente coloridos. Os móveis laboriosamente esculpidos no mais puro estilo Luís XV, todos pintados a ouro. Os bibelôs em porcelana delicadamente colorida casavam bem com os belíssimos candelabros de prata que ornavam a magnífica peça.

Livros, um piano de cauda e, num dos cantos da sala, uma jovem de rara beleza trabalhava sem muito interesse num delicado tapete que tecia, entediada.

Vendo-lhe o rosto alvo, emoldurado por cabelos castanhos e sedosos, presos em caprichosos cachos por uma fita, e os belíssimos olhos negros de reflexos aveludados, Nina soltou um pequeno grito:

— Sou eu! Aquela sou eu! Lembro-me agora.

A seguir, controlou-se, de olhos presos na tela, procurando não perder nenhum detalhe da cena que se desenrolava.

A jovem menina, talvez com 15 anos, alheia a tudo, continuava a tecer, na morna intimidade da sala. De súbito, a porta abriu-se e uma mulher de uns 50 anos, traje severo e fisionomia grave, entrou ereta e empertigada, com passos estudados. Um pincenê, que a cada passo ela punha e tirava, tornava a sua figura mais rígida. O cabelo, preso no alto da cabeça com tanto cuidado que nenhum fio saía do lugar, tornavam-na mais distante e impessoal.

Era a governanta da casa do conde de Gencelier, senhor feudal do belíssimo condado de Ancour, com muitas glebas de terra fértil e generosa.

Eficiente e rígida, vivia há 20 anos no castelo de Ancour, onde era respeitada e temida.

A jovem filha do conde de Gencelier detestava-a. Ninguém, aliás, tinha nada contra a *madame* Henriette, zelosa e cumpridora dos seus deveres, dedicada e honesta. Mas Geneviève tinha o hábito de esmiuçar tudo que podia, e de conhecer as pessoas com as quais convivia. Não que fosse maledicente, mas era extremamente impulsiva, e quando gostava de alguém fazia-o de corpo e alma, mas antes procurava instintivamente penetrar fundo no íntimo da outra pessoa, conhecer-lhe os recônditos da alma, para depois entregar a sua estima de maneira completa e segura. Com a *madame* Henriette, nunca conseguira um contacto pessoal. Nascera sob os seus cuidados e vigilância, mas nunca conseguira surpreender-lhe um momento de fraqueza, de sensibilidade, uma manifestação de sentimento, de raiva ou mesmo de amor.

Segura, equilibrada, impessoal, irritava Geneviève, tão emotiva, tão alegre, tão cheia de vida. Implicava solenemente com ela, mas, apesar de ser a filha mais nova e predileta do conde, não conseguira que ele substituísse Henriette no governo da casa. Apesar da pouca idade, Geneviève compreendia que era à *madame* Henriette que todos deviam a invejável ordem e higiene que reinava no enorme castelo, já que a sua adorável mãe, a condessa Margueritte, não se interessava pelas tarefas domésticas, levando uma vida intensa na corte, brilhando no fulgor rutilante das suas joias e da sua beleza.

Aproximando-se da menina, a *madame* disse:

— Menina Geneviève, a sua hora de bordado acabou. Pode descansar durante meia hora. A professora de dança hoje virá às quatro.

Com um suspiro de alívio, a menina empurrou o bastidor e levantou-se:

— Arre! Não gosto deste trabalho. Acho que não vou acabá-lo — e olhando desafiadora para a governanta, continuou: — Não gosto e não o farei. Ou então vou fazer tudo mal feito.

Sem se importar, a *madame* respondeu com voz serena e firme:

— Irá concluí-lo, com certeza. Terá de desmanchar todas as partes que fizer mal e de tecê-las novamente. Temos tempo. O que lhe afianço é que ele será concluído.

Uma onda de revolta envolveu a menina perante a sua própria impotência.

— Se eu não quiser, não faço! Rasgo-o em pedaços.

Sem se dar por vencida, a *madame* concluiu, serena:

— Começaremos outro com o mesmo desenho. Pode ter certeza de que o faremos.

— Sabe uma coisa? A senhora não é humana, não é gente, é uma fera!

Numa crise de raiva, Geneviève bateu com os delicados pezinhos no chão, enquanto o seu rosto se coloria de intenso rubor.

Ignorando a cena, a *madame*, impassível, respondeu:

— Com sua licença. Esteja preparada para a aula das 4!

Quando ela saiu, a menina atirou-se para uma poltrona procurando controlar-se. Sentia-se triste. Em completa solidão. Tinha vontade de ver a mãe, de lhe admirar a beleza, de sentir as suas mãos pousadas no seu cabelo, num gesto carinhoso com que a envolvia quando a visitava. Mas a condessa não admitia que a filha fosse ter com ela sem ser chamada. Quando queria vê-la, mandava buscá-la. Quase sempre tomava as primeiras refeições na sua saleta particular e, quando

tinha vontade de ver a filha, mandava buscá-la para a merenda da tarde, o que era sempre uma festa para Geneviève.

Para além disso, pouco se viam, porque à noite havia quase sempre recepções e festas, às quais não faltava. A condessa gastava muito tempo a preparar-se e era entre o repouso, a modista, o joalheiro, o cabeleireiro e os tratamentos de beleza que repartia as poucas horas do seu curto dia, já que à noite brilhava nos salões aristocráticos.

A menina sentia-se muito só. O conde, ocupado com cuidar da administração e da aplicação das suas rendas, ausentava-se com frequência. Os seus dois irmãos mais velhos passavam mais tempo em Versalhes do que em Ancour.

Certa vez, a sua mãe dissera-lhe:

— És linda. Dentro em breve brilharás na corte.

Geneviève sentira um calor de alegria e orgulho aquecer-lhe o coração, e sonhava! Sonhava com as festas, as pedrarias, o brilho e o farfalhar dos salões. Entretanto, sempre que se imaginava a brilhar na corte, via o rosto satisfeito da mãe, admirando-a, elogiando-a, orgulhando-se dela. Levada por esses pensamentos, esqueceu-se de *madame* Henriette como que por encanto. Reclinou-se no divã de veludo e usufruiu do seu momento de liberdade, dando livre curso às suas divagações de jovem.

Assustou-se, pouco depois, quando ouviu novamente a voz da governanta, mas não teve tempo para se irritar com ela.

— A professora de dança não vem hoje. Está com defluxo. Pede mil perdões à menina. Agora, vá preparar-se porque a senhora condessa convida-a para o chá.

Geneviève levantou-se de um salto e começou a dançar de alegria, dando vivas ao defluxo da professora. Fingiu não ver nem ouvir as admoestações da *madame* Henriette e, a passos

rápidos, quase a correr, enveredou pelas salas e corredores até chegar ao seu quarto.

A camareira já a esperava e, apesar da impaciência da menina, só a deixou sair quando a viu bem vestida, penteada e perfumada. Como a sabia jovial e descuidada, precedeu-a até os aposentos da senhora condessa.

À porta, Geneviève parou. Sabia que a mãe se irritava com a quebra da etiqueta. Por isso, conteve-se e bateu delicadamente.

Entrou. Era uma festa para ela penetrar nesse reino desconhecido.

Com elegância, entrou e dirigiu-se ao pequeno salão onde a condessa fazia as suas refeições.

— Está resolvido, fico com os dois. O de brilhantes e o de rubis.

Com um gesto delicado, mas decisivo, despediu-se do joalheiro, que, agradecendo e fazendo medidas, deixou o salão.

Geneviève estava parada, maravilhada. A mãe, elegante, com a cabeleira castanha e anelada a envolver-lhe os ombros com delicadeza, estava mais linda do que nunca. Vestia um delicado négligé verde-claro e nas suas mãos refulgiam alguns anéis. Apesar de estar à vontade e em repouso, nunca tirava do dedo o anel que o conde lhe oferecera no dia do casamento. Tratava-se de uma delicada joia de pedras preciosas onde estavam reproduzidos os brasões da casa de Ancour. Despojando-se dele, ainda que na intimidade, a jovem senhora condessa Margueritte Gencelier sentia-se como que afastada da sua posição social.

Estava estendida num delicado canapé de seda pura, cuja cor esmeraldina casava muito bem não só com o seu traje



como também com a cor nacarada da sua tez, muito bem empoada.

Sobre uma consola, havia duas caixas abertas, contendo dois maravilhosos jogos de colar, brincos, pulseira e anel, que rutilavam apesar da penumbra da sala. A condessa estava sempre na penumbra, para poupar os olhos cansados pelas vigílias constantes.

Vendo a filha parada na entrada da sala, o seu rosto iluminou-se com uma radiosa alegria.

— Minha pequena! Meu raio de sol!

Com os olhos brilhantes, Geneviève atirou-se para os braços abertos da mãe.

Realmente, para a condessa, afastada da luz agradável do sol, a filha, com a sua radiosa alegria e contagiante vivacidade, conseguia transmitir-lhe o calor de um raio de sol.

Afastou-a de si e com olhar aprovador e disse:

— Estás muito bonita. Orgulho-me de ti. Agora conta-me o que tens feito durante estes dias em que não nos vimos.

— Já há oito dias, senhora minha mãe! Parece um longo tempo, porque a minha vida é muito monótona.

Sem ligar, a condessa sorriu e completou:

— *Madame* Henriette? Continua sempre a mesma? Mas debes obedecer-lhe. Ela prepara a tua educação. Ninguém pode brilhar e ser rainha dos salões se não tiver uma educação esmerada. Lamento que tenhas de a suportar. Não há outra maneira de conseguir o nosso objetivo de te preparar para um brilhante casamento.

Geneviève corou violentamente. Não ousava contar a ninguém que, nos seus sonhos de jovem, havia já um desejo ardente de amor e compreensão.

— Não te preocupes. É ainda muito cedo. Agora, tenho de te dizer qual o motivo da tua vinda aqui, hoje. No próximo mês completarás 15 anos e os nossos portões vão abrir-se para dar passagem aos convidados. Pela primeira vez, vamos fazê-lo à noite, no salão principal. Serás apresentada à corte dentro de três semanas e depois já poderemos oficialmente convidar os nossos pares para a festa.

O coração da jovem bateu com mais força. Finalmente, o seu sonho ia realizar-se! Finalmente!

Trataram dos preparativos e dos detalhes e, quando Geneviève saiu, parecia-lhe que não tocava no chão, tal o enlevo em que se sentia envolvida.

Ao mesmo tempo, preocupava-a o receio de não saber brilhar como a mãe, e não fazer jus ao lugar que, pela beleza, graça e finura, ela conquistara.

Retirou-se para os seus aposentos e, emocionada, não conseguiu conter-se e desatou a chorar.

O rosto de Nina estava banhado em lágrimas quando a cena se apagou da tela luminosa. Identificava-se e, coisa estranha, revivia as emoções, não somente nos recônditos da memória, mas também como se as estivesse a viver novamente, embora mantivesse a consciência do presente, e sentisse a experiência do hoje, analisando o ontem que já findara.

Quando o espírito de Nina serenou novamente, como que por encanto, a tela começou a iluminar-se, e os presentes, sensibilizados, com respeito e tranquilidade, fixaram-na de novo. A recordação ia continuar.

# 3



## CENAS DE TERNA FELICIDADE

**O**s majestosos portões de ferro pintados de negro estavam abertos de par em par, e os dois porteiros de libré dourada, tendo à mão o bastão com as armas dos Ancour, apontavam a direção aos cocheiros das ricas caruagens, primorosamente ornamentadas, que entravam no sumptuoso parque, entrada principal para o castelo.

Os cascos dos animais batiam nas pedras da alameda principal e o tilintar dos metais completava aquele ruído característico e agradável.

Em frente das escadarias de mármore branco, postava-se um criado em posição imponente, e, no piso térreo, dois criados recebiam os convidados que chegavam, curvando-se profundamente e colocando os dois degraus atapetados que os ajudavam a descer.

A noite estava linda e podia ver-se, apesar dos candelabros de muitas velas e dos archotes, o brilho das estrelas e a grata carícia da brisa primaveril.

A cada nome pronunciado pelo porta-voz, o conde e a condessa apressavam-se a recebê-los com elegância e fidalguia.

O salão estava efervescente e o baile já tinha começado.

Como uma flor que desabrocha em pétalas e perfume, Geneviève rodopiava nos braços de um jovem cavalheiro. Os seus olhos refletiam excitação e encantamento. Tudo para

ela era novo e inebriante. Apresentada em Versalhes uma semana antes, o seu sucesso fora absoluto.

A mãe encarregara-se de a preparar e vestir de acordo com o gosto mais exigente da vaidosa corte de então. As joias foram encomendadas e desenhadas por um famoso joalheiro, e todos os gestos ensaiados exaustivamente. Mas fora compensador, pensava Geneviève, sentindo o orgulho da mãe e a aprovação do pai. Para ela, nada era mais importante do que isso.

Agora, os 15 anos, o baile, as homenagens, os presentes, os primeiros galanteios. O apertar furtivo de uma mão eloquente, um olhar intencional e admirador. Tudo era emoção, vibração, alegria.

Todos queriam dançar com ela, e todas as danças estavam já reservadas.

Levantou o olhar para o seu par, a quem prometera três contradanças. Era um jovem elegante, rosto moreno pálido, olhos castanhos como o cabelo, sedoso e brilhante, preso por uma delicada fita negra. O traje elegante de veludo verde-escuro assentava bem na sua figura alta e esguia. Os punhos de renda e o peitilho engomado davam-lhe à fisionomia um ar de menino. Mas os seus olhos demonstravam energia e firmeza.

A certa altura, passando por uma das portas, ele, pegando na sua mãozinha delicada, pediu:

— Vem comigo. Vamos ver o jardim.

Geneviève sorriu. Estava cansada e um pouco de ar ia fazer-lhe bem. Aceitando o braço que o cavalheiro lhe oferecia, enveredaram pelas alamedas floridas e perfumadas.

— Quando te vi de novo, nunca pensei que fosses a mesma pessoa.

A jovem fez um gesto de menina mimada:

— Porquê? Estou mais feia?

Ele sorriu com gosto:

— Mais feia? Impossível! Pior do que eras não podias ser.

Ela retirou o braço, magoada:

— Devo dizer que também não eras grande coisa. A última vez que te vi eras magro, deselegante, cheio de sardas e vestias umas horríveis calças listradas.

Ele riu-se ainda mais e, tomando a mão da jovem, respondeu em tom conciliador:

— Está bem. Rendo-me à evidência! Eu era horrível, mas o pior é que não mudei muito, ao passo que tu...

Fingindo ignorar o olhar de falsa inocência da maliciosa jovem, continuou:

— Que bom seria se não tivéssemos de passar pela adolescência! Da candura dos primeiros anos ao desabrochar da juventude, quando o amor aparece para glorificar as nossas vidas.

Caminhando, dirigiram-se a um banco junto de uma sebe florida e perfumada. Sentaram-se. De repente, chegaram um ruído de vozes. Um casal, provavelmente no banco do outro lado da sebe, entre risos e ditos irónicos, comentava a festa.

Desgostoso, o jovem fez menção de afastar Geneviève, mas ela, no momento em que se levantava para sair dali, teve a atenção despertada pelas palavras da mulher, que dizia:

— Justamente. Todos os seus amantes estão aqui esta noite. Ela é uma devoradora de homens. O conde nem sabe. Se sabe, finge muito bem!

Risos. A voz masculina respondeu:

— Pois eu tenho pena da filha. Tão jovem e bonita. O dia em que ela se casar, coitada, a mãe vai roubar-lhe o marido!

— É verdade! E digo mais, pode ser até que ela lhe impinja um dos seus favoritos para tê-lo sempre à mão. Todos sabem que ela adora homens jovens!

Um soco na cabeça de Geneviève não a teria deixado tão aturdida. Empalideceu, e teria caído se Gérard não a tivesse amparado.

Lívido, o jovem aristocrata pegou no leque da jovem e abanou-a, receoso. Quando a viu respirar melhor, transpôs a sebe com um salto, tentando surpreender os maledicentes e dar-lhes uma lição. Não encontrou ninguém. Com o ruído feito por Geneviève, tinham desaparecido dali.

Voltou para o lado da jovem, que, transtornada, chorava baixinho. Comovido, enxugou-lhe os olhos e, com infinito carinho, disse:

— Ninguém pode entrar na hipocrisia dos salões e conservar a inocência. Pobre Geneviève. O que te fizeram?!

Tomada de súbita energia, ela apertou-lhe a mão com força e, entre lágrimas, perguntou:

— É calúnia, não é? É uma infame calúnia. Quem serão esses que se acolhem sob o nosso teto como amigos, e nos apunhalam pelas costas? Para quê tanta maldade e ingratidão?

Gérard passou a mão com suavidade pelo cabelo da jovem. O seu tom era grave:

— Geneviève, numa corte, onde a vaidade, a inveja, a intriga, o ciúme e a ânsia de poder controlam os dispositivos das reuniões e das relações, é natural que a beleza da senhora condessa, que brilha em toda parte, desperte sentimentos mais contraditórios. A calúnia é uma forma de destruir ou de empanar esse brilho, essa beleza, essa admiração. Contudo, minha pequena, aprendeste hoje que não se pode confiar em pessoas cuja ambição maior se resume a ser sempre o

primeiro, o melhor, onde quer que vá. Na corte, minha pequena, salvo raríssimas exceções, são todos assim.

Geneviève olhou para ele com admiração. Nunca ninguém lhe falara com tanta seriedade, e as palavras encontraram ressonância no seu coração.

Nos olhos de Gérard havia sinceridade e simpatia. A jovem descansou as mãos frias nas dele e pareceu-lhe que da sua figura emanava uma força, um bem-estar, que, pouco a pouco, lhe foi acalmando o coração. Sem pensar no inconveniente do que ia dizer, Geneviève perguntou:

— És o meu único amigo. Prometes que não me deixarás à mercê dessas almas mesquinhas?

As palavras da jovem tocaram-no fundo, pois largou as mãos que segurava com ternura. Pelos seus olhos passou um brilho doloroso.

— Claro, Geneviève. Sempre que puder, estarei ao teu lado. Vou defender-te contra todos os dragões, e pela espada se preciso for.

Disse isso em tom jocoso, tentando disfarçar um pouco as suas emoções. E oferecendo-lhe o braço com galanteria, retomaram o rumo dos salões.

A festa prosseguia, mas Geneviève já não era a mesma. A maldade humana começava a arrancar-lhe o véu da ingenuidade e da confiança. No entanto, ao olhar para a fisionomia orgulhosa da sua mãe no salão iluminado, a jovem não pode deixar de sorrir de todos os temores. Mas, no fundo, bem no fundo, havia um certo receio, inconfessável, um certo pressentimento, que lutava por combater.

Olhou para seu irmão Antoine com orgulho. Dançava com uma das mais lindas damas do salão. Curvava-se sobre ela nos delicados meneios da dança, com galanteria e elegância.

Era o irmão mais novo, de fisionomia agradável e de traços delicados. Tez clara, olhos castanho-claros, por vezes com reflexos cor de mel. Cabelo castanho, basto e caprichosamente penteado, mãos finas e de rara beleza. Era o favorito de Geneviève. Simon, o mais velho, embora a estimasse, tratando-a com atenção e carinho, não participava das confidências e das brincadeiras de criança. Sério, calado, era quase taciturno, virado para estudos científicos, extravagantes, e não atraía muito as graças da jovem irmã.

Simon, ao contrário do irmão mais novo, não participava nas danças, preferia isolar-se ao máximo, lendo os seus livros favoritos, ou mergulhando nos seus pensamentos íntimos.

Geneviève não o viu no salão. A festa continuava animada e alegre.

Todavia, Nina, vendo-a na tela iluminada, e recordando as emoções sofridas, lembrou-se de que, durante o resto do baile, embora desejasse esquecer a infâmia que ouvira, não o conseguiu, sendo esse o seu pensamento predominante.



**«Procura afastar do coração a tristeza e a angústia.  
Tem coragem. Cultiva o otimismo, apesar de tudo. Um dia saberás  
o porquê das dores e dificuldades por que passas agora. Lembra-te,  
meu querido, estarei sempre ao teu lado, mesmo  
quando não puderes ver-me  
nem sentir-me.»**



Esta é a história de Nina e de Roque, filhos de camponeses pobres no interior do Brasil. Ao mesmo tempo, esta é também a história de Geneviève e de Gustavo, barão e baronesa de Varenne. O seu amor, e a ligação dos seus espíritos, transportam-nos para uma magnífica história de carinho e devoção, que supera todas as limitações físicas em direção à plenitude.

Através dos olhos do espírito de Nina, que atinge o Plano Maior mais cedo, acompanhamos a vida terrena de Roque, que é obrigado a permanecer no plano terrestre, expiando os pecados cometidos numa vida anterior. Através das leituras do evangelho, da oração e da paciência, Roque entende porque tem perante si tantos obstáculos: uma mãe doente, irmãos negligentes e uma vida de pobreza. O segredo está na sua vida anterior.



**Uma história emocionante sobre dois espíritos  
apaixonados e sobre a eterna união que  
representa o verdadeiro amor.**

 **nascente**  
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-68-8



9 789898 855688

Ficção Espiritualista